

galeria

nara roesler

sp-arte/foto/2013

stand / booth 19

artistas na feira /
artists at the fair

alberto baraya
brígida baltar
isaac julien
lucia koch
marcos chaves
melanie smith
vik muniz
zipora fried

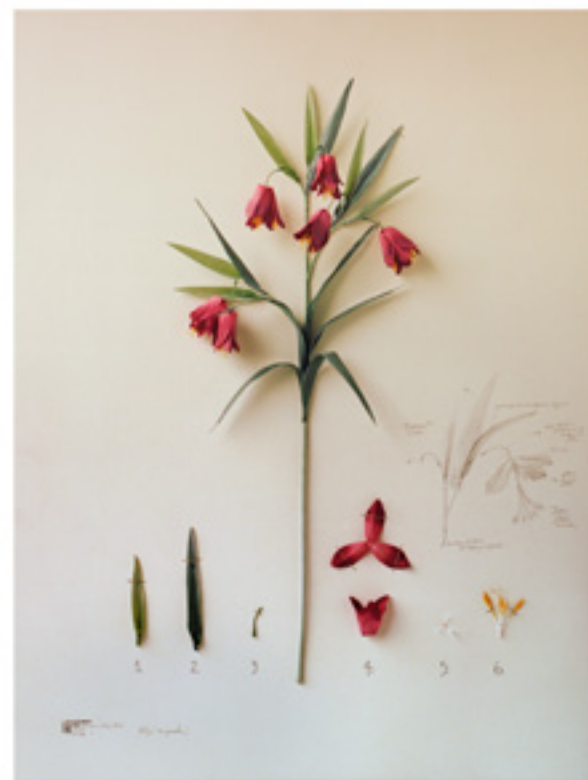
www.nararoesler.com.br





Alberto Baraya
Herbario de Plantas Artificiales, A taxonomie 2003/2013
impressão digital em papel fotográfico /
digital print on photograph paper
50 x 37 cm





Alberto Baraya
Herbario de Plantas Artificiales, A taxonomie 2003/2013
impressão digital em papel fotográfico /
digital print on photograph paper
50 x 37 cm cada / each



Alberto Baraya
Herbario de Plantas Artificiales, A taxonomie 2003/2013
impressão digital em papel fotográfico /
digital print on photograph paper
50 x 37 cm cada / each



Alberto Baraya
Herbario de Plantas Artificiales, A taxonomie 2003/2013
impressão digital em papel fotográfico /
digital print on photograph paper
50 x 37 cm cada / each

Em atividade desde os anos 1990, Alberto Baraya utiliza a fotografia, o vídeo, a escultura, o objeto e o desenho como linguagens de sua obra, de pronunciado viés crítico.

Marcaram o início de sua produção autorretratos irônicos, que utilizam reproduções de pinturas emblemáticas ou criam encenações provocadoras. Mais tarde, em 2003, Baraya lida com a dualidade entre natureza e artifício em sua até então mais conhecida série, *Herbário de plantas artificiais*, exibida inicialmente no Museu de Arte Moderna de Bogotá. O trabalho é fortemente representativo de questões que o inquietam: ao lado de um evidente teor político, há na série um questionamento da racionalidade científica. Isso é ressaltado pela sugestão de novas taxonomias, agregando componentes subjetivos, discutindo identidades e incorporando produtos “residuais” do mercado, como as plantas artificiais. O colecionismo das antigas missões científicas, ali, ganha uma roupagem contemporânea, profundamente crítica.

Alberto Baraya nasceu em 1968 em Bogotá, Colômbia, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 9ª Bienal de Xangai, China (2012), 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011); a 53ª Bienal de Veneza, Itália (2009); a 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); a 1ª Bienal de Medellín, Colômbia (1997); a Bienal do Caribe, em Santo Domingo, República Dominicana (2003); e a 4ª Bienal de Bogotá, Colômbia (1994). Teve suas obras expostas internacionalmente em exposições individuais, como *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013), *Expedition Bogotá-Indianapolis* (com Danielle Riede) (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, EUA, 2011) e *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colômbia, 2004). Participou de importantes exposições coletivas como *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Espanha, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2012); *Everything has a Name, or the potential to be named* (Gasworks, Londres, Inglaterra, 2009); *Paraísos indómitos* (Museo de Arte Contemporáneo, Vigo, Espanha, 2008) e *Positions in context: CIFO Grants Program Exhibition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2007).

Suas obras podem ser encontradas em coleções públicas, como: Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA; Tamarind Institute, Albuquerque, EUA; United States Information Agency, EUA; Banco de la República, Bogotá, Colômbia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia, e Instituto de la Juventud, Madri, Espanha.

Active since the 1990s, Alberto Baraya uses photography, video, sculpture, objects, and drawing as the languages of his deeply critical work.

His early production is marked by ironic self-portraits which either use reproductions of emblematic paintings or create provocative enactments. Later on, in 2003, Baraya deals with the duality between nature and artifice in his best-known series to date, *Herbário de plantas artificiais*, first shown at the Museum of Modern Art of Bogotá. The work is highly representative of themes which make him restless: aside from its evident political tinge, the series question scientific rationality. That is highlighted by his suggestions of new taxonomies, as he adds subjective components, discusses identities, and incorporates “residual” products of the market such as artificial plants. The collectionism of old scientific missions gets a contemporary, deeply critical reworking.

Alberto Baraya was born in 1968 in Bogotá, Colombia, where he lives and works. He featured in shows such as the 9th Shanghai Biennale, China (2012), 11th Biennial of Cuenca, Ecuador (2011); the 53rd Venice Biennale, Italy (2009); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 1st Biennial of Medellín, Colombia (1997); the Biennial of the Caribbean in Santo Domingo, Dominican Republic (2003); and the 4th Biennial of Bogotá, Colombia (1994). His works have featured in international solo shows such as *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013), *Expedition Bogotá-Indianapolis* (with Danielle Riede) (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, USA, 2011) and *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colombia, 2004). He has participated in important group shows such as *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/Colección Jumex, Mexico DF, Mexico, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Spain, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2012); *Everything has a name, or the potential to be named* (Gasworks, London, England, 2009); *Paraísos indómitos* (Museo de Arte Contemporáneo, Vigo, Spain, 2008) and *Positions in context: CIFO Grants Program Exhibition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2007).

His works can be found in the public collections of the Museum of Latin American Art, Long Beach, USA; Tamarind Institute, Albuquerque, USA; United States Information Agency, USA; Banco de la República, Bogotá, Colombia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colombia, and Instituto de la Juventud, Madrid, Spain.



brígida baltar

Brígida Baltar
Casa de abelha - dentro da natureza /
Bee house - inside nature 2002
conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs
25 x 36 cm



Brígida Baltar
Casa de abelha - dentro da natureza /
Bee house - inside nature 2002
conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs
25 x 36 cm cada / each



Brígida Baltar
Casa de abelha - dentro da natureza /
Bee house - inside nature 2002
conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs
25 x 36 cm cada / each



Brígida Baltar
Casa de abelha - dentro da natureza /
Bee house - inside nature 2002
conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs
25 x 36 cm cada / each



Brígida Baltar

Casa de abelha - dentro da natureza /

Bee house - inside nature 2002

conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs

25 x 36 cm cada / each



Brígida Baltar

Casa de abelha - dentro da natureza /

Bee house - inside nature 2002

conjunto de 10 fotografias / series of 10 photographs

25 x 36 cm cada / each

O trabalho de Brígida Baltar, que cruza fronteiras entre escultura, desenho, instalação e performance, envolve, nas palavras da curadora Lisette Lagnado, um “processo de fabulação” que alude ao retorno de uma narrativa pré-industrial e primitiva.

Brígida Baltar começa a desenvolver sua obra nos anos 1990, criando uma poética a partir de elementos pessoais, como a casa em que ela própria morou, no bairro de Botafogo, zona sul do Rio. Torre, de 1996, traz a artista envolta em tijolos retirados de sua própria residência. Já Abrigo, de 1996, consiste em uma ação da artista que escava uma das paredes de sua casa na forma de sua silhueta, inserindo-se, depois, nessa espécie de casulo. O crítico britânico Guy Brett enxerga uma evidente relação entre o trabalho de Brígida e o modo como Hélio Oiticica e Lygia Clark abordavam a questão de moradia e habitação, mas, para ele, “Brígida Baltar assume um lugar próprio diante de uma condição compartilhada por todos nós”. A produção recente da artista apresenta uma depuração de questões investigadas anteriormente: em 2005, por exemplo, cria livros/objetos feitos de pó de tijolo e intitulados Utopias e Devaneios. Ou, também com pó de tijolos, os desenhos Floresta vermelha, de 2006.

Brígida Baltar (1959) nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Entre as mostras coletivas de que participou estão a 25ª Bienal de São Paulo (2002); a 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Entre as principais exposições no exterior: *SAM Project* (Paris, França, Inglaterra, 2007); *An indoor heaven* (Firstsite, Colchester, 2006); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011); *Museo de Arte del Banco de la República*, Bogotá, Colômbia, 2012); *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revolver, Lisboa, Portugal, 2010); *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, Nova York, EUA, 2010); *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009); *In search of the miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, 2007); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, França, 2005); e *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, EUA, 2005).

Suas obras integram acervos como: Coppel Collection, Cidade do México, México; Museu of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

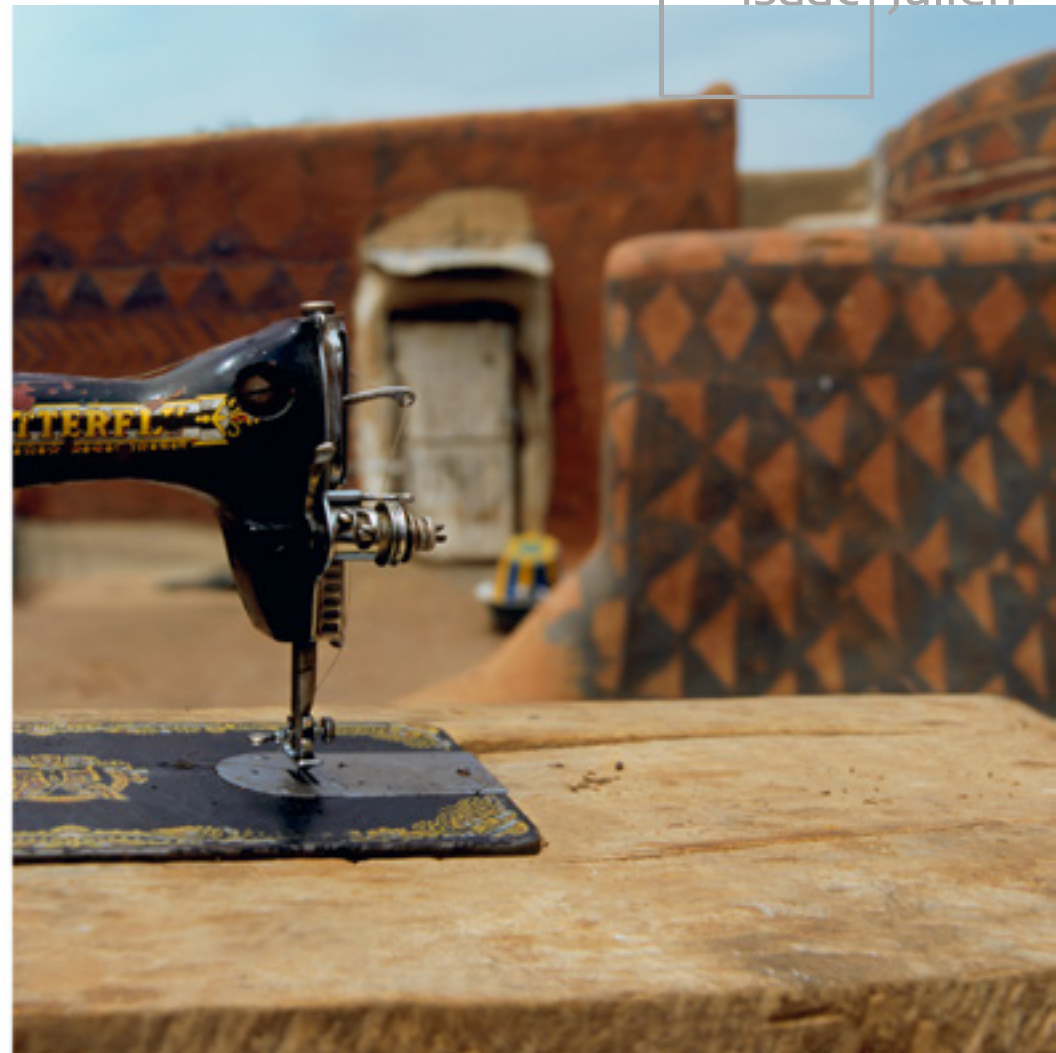
The work of Brígida Baltar straddles the boundaries between sculpture, installation, object, and, to a certain extent, drawing and performance, as it involves, in the words of curator Lisette Lagnado, “a fabulation process [which] alludes to the comeback of a preindustrial, childlike, primitive narrative.”

Brígida Baltar began developing her art in the 1990s, creating a poetics out of personal elements such as the house in which she lived, in Botafogo, a neighborhood in the south side of Rio de Janeiro. Torre, from 1996, features the artist wrapped in bricks taken from her own residence. In Abrigo, also from 1996, the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon of sorts. British critic Guy Brett sees a clear-cut link between Baltar’s work and the way in which Hélio Oiticica and Lygia Clark dealt with the issue of housing and shelter, but to him “Brígida Baltar takes her own place in the face of a condition shared by all of us.” The artist’s recent output shows a refinement of previously investigated issues: in 2005, for instance, she created book-objects made from brick dust, entitled Utopias e devaneios. Or else, the 2006 Floresta vermelha drawings, also made from brick dust.

Brígida Baltar (1959) was born, lives, and works in Rio de Janeiro. Group shows include the 25th Bienal de São Paulo (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Selected foreign exhibitions include: *SAM Project* (Paris, France, 2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011); *Museo de Arte del Banco de la República*, Bogotá, Colombia, 2012); *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revolver, Lisbon, Portugal, 2010); *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, New York, USA, 2010); *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009); *In search of the miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, 2007); *An indoor heaven* (Firstsite, Colchester, England, 2006); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, France, 2005); and *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, USA, 2005).

Her works integrate collections such as: Coppel Collection, Mexico D.F., Mexico; Museu of Contemporary Art, Cleveland, USA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, England; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; among others.

isaac julien



Isaac Julien
Fantôme Créole Series (Papillon No. 1) 2005
impressão lambda em papel brilhante /
lambda print on gloss paper
119.5 x 119.5 cm cada / each



Isaac Julien -- **Hotel (Ten Thousand Waves)** 2010 -- fotografia em papel Endura Ultra / Endura Ultra photograph -- 180 x 240 cm

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinemadança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais. Seu filme *Young soul rebels* (1991) ganhou o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cannes.

Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes *The long road to Mazatlán* (1999) e *Vagabondia* (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, *Western Union: small boats* (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova Iorque, EUA; Galería Helga de Alvear, Madri, Espanha; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado *Derek*, estreado no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra *Ten thousand waves* (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova Iorque, Miami e Londres.

Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations. His 1991 film *Young Soul Rebels* won the Semaine de la Critique prize at the Cannes Film Festival.

Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films *The long road to Mazatlán* (1999) and *Vagabondia* (2000). His acclaimed 5-screen installation, *Western Union: small boats* (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; Galería Helga de Alvear, Madrid, Spain; Centre for Contemporary Arts, Warsaw, Poland; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled *Derek*, which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film *Ten thousand waves* went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: Museum of Modern Art, New York, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.



lucia koch

Lucia Koch
2001 2013
impressão em papel de algodão /
photograph on cotton paper
140 x 140 cm



Lucia Koch
Teatina 2013
impressão em papel de algodão /
photograph on cotton paper
90 x 90 cm cada / each

Intervenções, instalações, vídeos e fotografias são alguns dos meios escolhidos por Lucia Koch para investigar questões relativas a luz e espacialidade, sempre em profundo diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como seu trabalho se insere em um local no qual interfere, quanto ao criar espaços imaginários que provocam e reorientam a percepção.

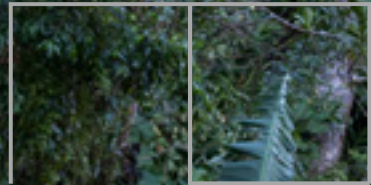
Segundo o crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços, faz uso da luz (...) e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. Desde 2001, fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde se instalam. Esse conjunto crescente de imagens indaga o que transforma o espaço em lugar e cada vez mais se aproxima de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura – cabe mencionar que Lucia Koch participou do projeto Arte Construtora que, de 1992 a 1996, ocupou casas, parques e até uma ilha.

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); da 8ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2003). Exposições coletivas de que participou recentemente incluem: *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, EUA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, EUA, 2009; Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão, 2008). Suas mais recentes mostras individuais são: *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011); e *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madri, Espanha, 2008).

Interventions, installations, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, always in deep dialogue with architecture—in both the way her work inserts itself into places it interferes with, and the way she creates imaginary spaces that tease and reorient perception.

According to critic and curator Moacir dos Anjos, the artist “reorganizes the visual comprehension of spaces, makes use of light ... and establishes a public meaning to the artwork, be it through the negotiation involved in her process, or the disconcerting effect it causes.” Since 2001, she has photographed the insides of empty boxes and packages, which suggest virtual extensions of the places they are at. This growing set of images inquires what makes space into a place, and is ever closer to a largely unorthodox research into architecture—it is worth noting that Lucia Koch participated in the Arte Construtora project, which occupied houses, parks, and even an island between 1992 and 1996.

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the *Sharjah Biennial*, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent group shows include: *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, USA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, USA, 2009; Contemporary Art Museum, Tokyo, Japan, 2008). Recent solo shows include: *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madrid, Spain, 2008).



Marcos Chaves -- **Patamar** 2013 -- fotografia / photograph -- 100 x 150 cm

marcos chaves



Marcos Chaves
Estação Los Andes,
da série **Agenda Santiago** 2012
fotografia / photograph
25 x 45 cm cada / each

Marcos Chaves
Flor de Nuvens 2012
fotografia / photograph
dimensões variáveis /
variable dimensions





Marcos Chaves -- **Gávea** 2013 -- impressão fotográfica, metacrilato / photograph on dia sec -- 133 x 188 cm

Apesar de ter iniciado a carreira na primeira metade dos anos 1980, num período, portanto, de grande auge da pintura, Marcos Chaves tem na fotografia, no vídeo e em instalações os suportes ideais para um trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações. O curador Fernando Cocchiarella observa que “a conexão dos componentes das obras de Marcos é feita (...) sobretudo por meio dos irônicos nexos estabelecidos pelas palavras grafadas nas próprias obras ou registradas nos títulos dos trabalhos. Chaves cria uma sintaxe sem regras prévias que empresta sentido estético ao conjunto de sua produção”.

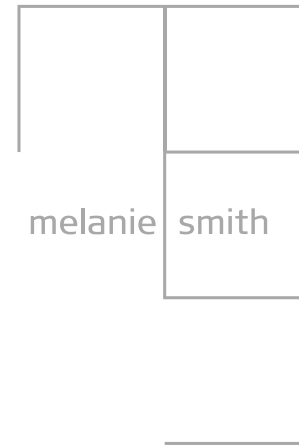
É frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou, no máximo, com pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries *Buracos* (1996-2008) e *Retratos* (2009). Sua produção insere-se, de maneira renovada, na longa tradição da poesia visual, seja pela inserção de frases (como na célebre *Eu só vendo a vista*, sobreposta pelo artista ao panorama do Rio de Janeiro), seja pela escolha de títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem uma reflexão bem-humorada, mas não por isso superficial (*Não falo duas vezes*, 1995; *Paz entre aspás*, 2005).

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brasil, 2009); e *Laughing mask* (Butcher's, Londres, Inglaterra, 2008) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Espanha, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valência, Espanha, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009).

Although Marcos Chaves started his career in the first half of the 1980s, i.e., in a period in which painting reached a major peak, photography, video, and installations are the ideal media for his deeply critical work, which remains open to interpretation, despite its coherence. The curator Fernando Cocchiarella notes that “the connection between the components in Chaves' works is made ... primarily through the ironic nexuses established by the words written onto the works themselves, or inserted into the titles. Chaves creates a syntax devoid of preset rules which lends aesthetical meaning to his output as a whole.”

He often appropriates small elements or scenes from everyday life, which reproduce, either directly or with small interventions at most, the extraordinary that the artist shows to inhabit the prosaic in daily life, as in the *Buracos* (1996–2008) and *Retratos* (2009) series. His production is inserted, in renewed fashion, in the long-standing tradition of visual poetry, be it through the addition of sentences (such as the famous *Eu só vendo a vista* [I sell only the view], which the artist superimposed onto the Rio de Janeiro landscape), or through the choice of subtly ambiguous, funny titles conducive to a high-spirited, though not superficial, reflection (*Não falo duas vezes* [I don't speak twice], 1995; *Paz entre aspás* [Peace in quotation marks], 2005).

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brazil, 2009); and *Laughing mask* (Butcher's, London, England, 2008). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th Bienal de São Paulo (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others. Recent group shows include: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Spain, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valencia, Spain, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Pecci Center for Contemporary Art, Prato, Italy, 2009).



Melanie Smith
Flavin 2010
impressão digital em papel de algodão /
digital print on cotton paper
116 x 86 cm

Melanie Smith
Matta Clark 2010
impressão digital em papel de algodão /
digital print on cotton paper
110 x 80 cm



O trabalho de Melanie Smith em pintura, fotografia, vídeo e instalação envolve a releitura dos movimentos de vanguarda e pós-vanguarda, frequentemente a partir da questão das heterotopias. Sua produção baseia-se em uma visão expandida da noção de modernidade, relacionando-a tanto com contextos socioculturais específicos quanto com o sistema estético e político em sentido amplo. Nessa abordagem, Melanie Smith constantemente trabalha com pares de opostos, como enumera a curadora Paola Santoscoy: “o racional e o irracional, o urbano e o rural, o europeu e o americano, o pragmático e o intuitivo”.

Suas obras iniciais tratavam da própria Cidade do México, onde reside desde 1989, registrando, ao mesmo tempo, suas multiplicidades, violência, banalidade, dimensão clandestina e deterioração, como no vídeo *Spiral City* (2002). Em outros trabalhos, ela expande a noção de lugar e não lugar ao documentar a pequena cidade de Parres, nos arredores da Cidade do México. Ela realizou uma trilogia de filmes em 35 mm, e uma série de pinturas e instalações que retrabalham a ideia modernista de monocromatismo.

Melanie Smith nasceu em 1965, em Poole, Reino Unido, e radicou-se na Cidade do México, México. Participou da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); e da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Entre as exposições coletivas de que participou recentemente estão: *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, EUA, 2011); *The twentieth century* (Tate, Liverpool, Inglaterra, 2009); e *i Viva la muerte!* (Centro Atlántico de Arte Moderno, Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, 2008); além de mostras individuais como *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, México, 2013); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); e *Xilitla* (El Eco, Cidade do México, México, 2010).

Melanie Smith's painting, photography, video, and installation works involve the rereading of avant-garde and post-avant-garde movements, often using the issue of heterotopias as a starting point. Her production is based around an expanded view of the notion of modernity, relating it both to specific sociocultural contexts and to the aesthetic and political system in a broad sense. In this approach, Melanie Smith constantly works with pairs of opposites, as curator Paola Santoscoy puts it: “the rational and the irrational, the urban and the rural, the European and the American, the pragmatic and the intuitive.”

Her early works portrayed Mexico City, where she has lived since 1989, showcasing its multiplicities, violence, banality, its clandestine dimension, and deterioration all at once, as in the video *Spiral City* (2002). In other pieces, she expands on her notion of place and non-place as she documents the small town of Parres, in the outskirts of Mexico City. She made a trilogy of 35 mm films, and a series of paintings and installations which rework the modernist notion of monochromatism.

Melanie Smith was born in 1965 in Poole, United Kingdom, and later moved to Mexico City, Mexico. She participated in the 54th Venice Biennale, in Italy (2011); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, USA, 2011); *The twentieth century* (Tate, Liverpool, England, 2009); and *i Viva la muerte!* (Centro Atlántico de Arte Moderno, Las Palmas de Gran Canaria, Spain, 2008). She has also held recent solo shows such as *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, Mexico, 2013); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); and *Xilitla* (El Eco, Mexico D.F., Mexico, 2010).



Vik Muniz
Pictures of Magazine 2: Flowers and Fruit,
after Renoir 2013
c-print digital / digital c-print
220 x 180 cm



Vik Muniz
Pictures of Magazine 2: Green Monkey,
after George Stubbs 2011
c-print digital / digital c-print
215 x 180 cm

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate, e até lixo, o artista meticulosamente compõe imagens icônicas e lhes repropõe significações. O objeto final de sua produção mais conhecida atualmente é a fotografia, mas sua obra já transitou pelo tridimensional, pelo desenho e até pela escultura.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo. Vive e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Participou de inúmeras bienais, como da 49ª Bienal de Veneza, Itália (2001); 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998); Bienal de Arte Contemporânea de Moscou, Rússia (2009), entre outras. *Más acá de la imagen* (Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, 2013); *Clayton days* (The Frick, Pittsburgh, EUA, 2013); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik* (Centro de Arte Contemporânea de Málaga, Málaga, Espanha, 2012); *Relicário* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Vik Muniz* (Nichido Contemporary Art, Tóquio, Japão, 2010), são suas mais recentes exposições individuais. Algumas das mostras coletivas de que participou são: *Superreal: alternative realities in photography and video* (El Museo del Barrio, Nova Iorque, EUA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Swept away* (Museum of Arts and Design, Nova Iorque, 2012); *Fragments latino-américains* (Maison de l'Amérique Latine, Paris, França, 2010); e *Surface tension* (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA, 2009). Suas obras integram acervos como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha; e Inhotim, Brumadinho, Brasil.

Vik Muniz's work questions and tenses up the boundaries of representation. Appropriating raw materials such as cotton, sugar, chocolate, and even trash, the artist meticulously composes iconic images and reproposes their significances. The final object of his best-known production today is photography, but his work has transited through the three-dimensional, drawing, and even sculpture.

To the critic and curator Luisa Duarte, “his works harbor a sort of method which calls on the audience to look at it retrospectively. In order to ‘read’ one of his photographs, one must inquire into the process of making it, the materials used, one must identify the image before finally grasping its meaning. The artwork puts into play a series of questions to the eyes, and it is on that zone of doubt that we build our understanding.”

Vik Muniz was born in 1961 in São Paulo. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. He has featured in several biennials, such as the 49th Venice Biennale, Italy (2001); 24th Bienal de São Paulo, Brazil (1998); Moscow Contemporary Art Biennial, Russia (2009), among others. Recent solo shows *Más acá de la imagen* (Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colombia, 2013); *Clayton days* (The Frick, Pittsburgh, USA, 2013); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik* (Centro de Arte Contemporânea de Málaga, Málaga, Spain, 2012); *Relicário* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); and *Vik Muniz* (Nichido Contemporary Art, Tokyo, Japan, 2010). Recent group shows include: *Superreal: alternative realities in photography and video* (El Museo del Barrio, New York, USA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Swept away* (Museum of Arts and Design, New York, USA, 2012); *Fragments latino-américains* (Maison de l'Amérique Latine, Paris, France, 2010); and *Surface tension* (Metropolitan Museum of Art, New York, USA, 2009). His works are included in the collections of: Museum of Modern Art, New York, USA; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Spain; and Inhotim, Brumadinho, Brazil.



Zipora Fried
January 2, 2013 2013
impressão de pigmento sobre papel archival /
archival pigment print
139.7 x 207 cm

zipora fried

Zipora Fried
April 04, 2013 2013
impressão de pigmento sobre papel archival /
archival pigment print
208.3 x 144.8 cm



A arte de Zipora Fried é um exercício de dicotomia. Seu trabalho explora o familiar, frequentemente sobrepondo um objeto ou forma com um propósito absurdo, criando novos significados e associações subliminares. Sua nova série de fotografias de grandes dimensões sobrepõe, com tecnologias digitais, imagens de paisagens e fundos pintados à mão, criando horizontes impossíveis e ainda assim incrivelmente familiares, com referências indiretas à pintura histórica, à fotografia de paisagem do século 20 e imagens da ficção científica. Assim como em seus desenhos e esculturas, Zipora fotografa com paciência e intensidade calculada, insinuando constantemente um potencial para a violência que subjaz uma superfície suntuosa.

Zipora Fried estudou na Academia de Artes Aplicadas de Viena. Algumas de suas exposições recentes foram *Dark Paradise*, curada por Tim Goossens, na Clocktower Gallery, em Nova York, NY (2013); *Nevermore*, na On Stellar Rays, em Nova York, NY (2013); *The Locus of Control*, na ACFNY, em Nova York, NY (2012); *Drawing a line in the Sand*, na Peter Blum Gallery, em Nova York, NY (2012); *Salon Noir*, na On Stellar Rays, em Nova York, NY (2011); *Greater New York*, no MoMA PS1, em Queens, NY (2010); *Total Recall*, no Public Art Fund, em Nova York, NY (2010); *Zipora Fried, Margarete Jakschik and Sam Windett*, no Museu de Arte Contemporânea de St. Louis, no Missouri (2010); *Trust Me. Be Careful.* na On Stellar Rays, em Nova York, NY (2009); *Text* na Eighth Veil, em Los Angeles, Califórnia (fall 2009); *Minus Space* no MoMA PS1 (2009); Zipora também já expôs na Kunstnernes Hus, em Oslo (2006); na Guild & Greyshkul, em Nova York, NY (2005); e no Center for Contemporary Non-Objective Art, em Bruxelas (2005).

A obra de Fried está representada nas coleções de diversos museus, entre eles o Whitney Museum of American Art, em Nova York, NY; a Albright-Knox Art Gallery, em Buffalo, NY; o Albertina Museum, em Viena; o Tel Aviv Museum of Art, em Israel; o Magasin 3 Stockholm Konsthall, em Estocolmo; o Fogg Art Museum, em Cambridge, Massachusetts. Fried recebeu diversos prêmios por seus filmes experimentais, que foram exibidos em festivais no mundo todo.

The art of Zipora Fried is an exercise in dichotomy. The work exploits the familiar, often layering an object or form to an absurd end, creating new meanings and subliminal associations. In a new body of large-scale photographs, landscape images and handpainted backgrounds are layered using digital technologies, creating impossible horizons that remain uncannily familiar, obliquely referencing historical painting, 20th c. landscape photography and sci-fi renderings. As in her drawings and sculpture, Fried approaches photography with patience and calculated intensity, hinting at an ever-present potential for violence that lies beneath a sumptuous surface.

Zipora Fried studied at the Academy of Applied Arts in Vienna. Recent exhibitions include *Dark Paradise*, curated by Tim Goossens, Clocktower Gallery, New York, NY (2013); *Nevermore*, On Stellar Rays, New York, NY (2013); *The Locus of Control*, ACFNY, New York, NY (2012); *Drawing a line in the Sand*, Peter Blum Gallery, New York, NY (2012); *Salon Noir* at On Stellar Rays, New York, NY (2011); *Greater New York* at MoMA PS1, Queens, NY (2010); *Total Recall*, Public Art Fund, New York, NY (2010); *Zipora Fried, Margarete Jakschik and Sam Windett*, Contemporary art Museum St. Louis, MO (2010); *Trust Me. Be Careful.* at On Stellar Rays, New York, NY (2009); *Text* at *Eighth Veil*, Los Angeles, CA (fall 2009); *Minus Space* at MoMA PS1 (2009); Other exhibitions include Kunstnernes Hus, Oslo (2006); Guild & Greyshkul, New York, NY (2005); Center for Contemporary Non-Objective Art, Brussels (2005).

Fried's work is represented in a number of Museum collections including the Whitney Museum of American Art, New York, NY; The Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, NY; The Albertina Museum, Vienna; The Tel Aviv Museum of Art, Israel; Magasin 3 Stockholm Konsthall, Stockholm; Fogg Art Museum, Cambridge, MA. Fried is also the recipient of numerous awards for her experimental films, which have been featured in festivals worldwide.

